



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## A AVALIAÇÃO FRANCESA DO ROMANCE INGLÊS *CLARISSA HARLOWE* NO SÉCULO XIX

Beatriz Gabrielli (UNICAMP)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Abreu (UNICAMP)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo colaborar com o estudo da recepção crítica aos romances no século XIX, período determinante para o estabelecimento do gênero romanesco e de sua valorização, a partir da análise de avaliações francesas da obra *Clarissa Harlowe*, escrita originalmente pelo inglês Samuel Richardson em 1748, um grande sucesso de público e crítica e ganhando sucessivas edições e traduções em diversas línguas, inclusive o francês, língua da cultura no século XIX. Foram escolhidos três textos, dois deles de periódicos, *La Presse* e *Le Constitutionnel*, datados de 1846 e referentes a uma mesma tradução de Jules Janin e outro que faz parte de uma coletânea crítica publicada em 1839 dedicada aos romances intitulada *Revue des Romans* de Eusèbe Girault de Saint-Fargeau e que não se refere a nenhuma edição específica da obra. A partir da análise textual dessas críticas, pretende-se observar quais os critérios críticos utilizados em cada uma e como foram empregados de acordo com os interesses de cada publicação, tendo em vista que os periódicos priorizavam as novidades e as figuras conhecidas da sociedade, enquanto a *Revue des Romans* colocava-se como um guia para os leitores. Por meio deste breve estudo pretende-se também observar a influência do nascimento do romance-folhetim nos jornais franceses em 1836 e o peso do seu sucesso no modo de se ler e avaliar o gênero romanesco.

Palavras-chave: Romance. Crítica. França. Século XIX.

O século XIX é um período crucial para a trajetória de ascensão do gênero romanesco, que passa da desvalorização dos críticos na primeira metade do século por sua popularidade, sendo visto como um simples entretenimento, que desviava os leitores, jovens e mulheres, de assuntos e obras mais úteis para ser por fim ser valorizado, encontrando na imprensa periódica espaço para tanto. Nestes periódicos, muitos dos versáteis homens de letras do período eram também romancistas, defendendo, portanto, o próprio trabalho e de seus colegas (AUGUSTI, 2006). Considerando esta mudança no status do gênero e a sua relação com os jornais, ela coincide com a transformação dos próprios periódicos a partir da década de 1830 na França, a capital cultural do período. Eles multiplicaram suas tiragens e criaram seções

com um grande número de vozes e tipos de escrita, fazendo surgirem inclusive novos gêneros, entre eles o romance-folhetim. Eles eram publicados em partes e moldados especialmente para estes veículos, com cortes diários que causam suspense e ritmo acelerado de acontecimentos (THÉRENTY, 2015).

Esta pesquisa pretende colaborar no estudo da recepção crítica francesa aos romances no período posterior a criação em 1836 do romance-folhetim no jornal francês *La Presse*, detendo-me em um estudo de caso da recepção de traduções da obra inglesa do século XVIII *Clarissa, or, the History of a Young Lady*, de autoria de Samuel Richardson, um nome de fortuna crítica já consolidada, considerado ao lado de Fielding e Defoe um dos fundadores do romance moderno inglês e mundial (VASCONCELLOS, 2002). A obra, construída a partir de cartas, acompanha a trajetória da virtuosa Clarissa até seu destino trágico e mortal, motivado ambiciosa família, o que a leva a fugir com Richard Lovelace, um libertino que a seduz e engana.

Para observar como se deu a recepção crítica de uma obra estrangeira e do século XVIII por três veículos franceses no século XIX, foram escolhidos dois jornais parisienses, o bonapartista *Le Constitutionnel* e o politicamente vacilante *La Presse*, além de uma coletânea de críticas de Eusèbe Girault de Saint-Fargeau, *Revue des Romans*. Os periódicos tratam da mesma edição, publicada no ano de 1846 e com tradução de Jules Janin, sendo que a crítica de Athanase Cucheval-Clarigny para o *Le Constitutionnel* foi publicada em 11 de junho do mesmo ano desta edição e a crítica de Eugène Pelletan ao *La Presse* aparece quatro dias depois. Já a crítica de Saint-Fargeau na sua coletânea de textos críticos *Revue des Romans* não se refere a nenhuma edição específica, indicando a existência de quatro traduções (1751 e 1766-1777 com tradução do Abbé Prévost e 1751 e 1802 de Pierre Letourneur).

O estudo dessas críticas será feito a partir da perspectiva da história cultural, que procura fazer análises das obras considerando os modos de produção, circulação, recepção dos textos em seu próprio tempo. Além delas, ao considerar os homens de letras envolvidos no meio literário, como escritores, editores, livreiros, colegas e nesta análise em especial, os críticos, leva em conta seus interesses políticos, pessoais e materiais, o que os distancia muitas vezes do amor pela arte pura e simplesmente (ABREU, 2014a).

Diversas pesquisas sobre as críticas a romances no século XIX indicam a coincidência dos critérios avaliativos utilizados pelos críticos de diversas localidades, como Inglaterra, França, Portugal e Brasil, fruto da formação escolar semelhante dos letrados. A explicação da semelhança está na formação em comum quando se tratava das belas letras, baseada nos preceitos da retórica, os quais aplicavam na avaliação de romances (ABREU, 2014b). Em seus textos, eles esperavam que as obras pudessem instruir, deleitar e moralizar, tivessem um estilo fácil e gracioso, linguagem clara e elegante, enredo inventivo, com episódios bem selecionados e relacionados, demandando certas características na construção adequada dos personagens. Tudo isso deveria funcionar com o objetivo de despertar a comoção e a compaixão do leitor. As preocupações dos críticos com a construção dos romances divergiam dos interesses dos leitores, que envolviam o entretenimento, a novidade e a distração (JONES, 1986 apud ABREU, 2014b). O surgimento do romance-folhetim em 1836 no periódico *La Presse* alterou o modo de produzir, ler e avaliar o gênero, valorizando o impacto da obra em seus leitores, o ritmo mais vigoroso, a curiosidade e a surpresa que gerava (ABREU, 2014b).

Os critérios anteriormente citados foram, como já esperado, a base da avaliação encontrada nas três críticas, que de um modo geral trataram dos mesmos pontos. Todas comentaram sobre o autor Richardson, a construção do enredo, os personagens, a moral e brevemente sobre a importância do romance e de seu autor para a literatura nacional de seu país. Além de comentar os romances, os autores das críticas utilizam o espaço para abordar assuntos que, ainda relacionados à obra, extrapolam a constituição do texto, como a reação apaixonada dos leitores do século XVIII a Richardson demonstrada na crítica da *Revue des Romans*, criticando as lágrimas em excesso em um livro que se prestava a divertir, além de intercederem por seus personagens favoritos. O *La Presse* e o *Le Constitutionnel*, por sua vez, abordam as diferenças nas sociedades inglesa e francesa e as consequências na forma de se fazer arte.

Nas críticas do *La Presse* e *Le Constitutionnel* a imagem de Richardson é de uma figura ultrapassada e que precisa ser atualizada para ser aceita pelo público atual, ainda que ele fosse um símbolo do seu período. A crítica do *Le Constitutionnel* utiliza duas vezes a imagem de tumba ao se referir ao escritor inglês, uma delas para comentar a manutenção da cor local e da veracidade histórica na tradução de Janin, que se esforça para criar uma obra que Richardson, se levantasse de sua tumba e lesse a tradução,

reconhecesse como sua obra, com seus contemporâneos, linguagem, hábitos e maneiras. Todas as três críticas reverenciam Richardson, contudo a *Revue des Romans* e o *La Presse* enfatizam a importância de *Clarissa Harlowe* e do autor para a literatura inglesa, referindo-se a Richardson como um “gênio” e à obra como um “clássico”, mas em momento algum a *Revue des Romans* refere-se a qualquer um deles como ultrapassados, já que com exceção de traduções datadas século XVIII no cabeçalho, não há menções sobre quando a obra foi escrita.

As duas críticas em periódicos abordam a versão de Jules Janin, focando quase tanto no tradutor e seu trabalho quanto em Richardson, o autor do original, o que é pouco comum no período. Isto leva a considerações sobre os motivos disto, que parecem ser a nova tradução que acaba de ser publicada e é a notícia a ser apresentada em relação à obra já conhecida dos leitores. Aliado a isso, há também a própria figura de Janin, conhecido pelo seu trabalho como escritor e crítico, com presença frequente na imprensa e um colaborador dos periódicos de Émile de Girardin, criador do *La Presse*, desde o *Musée des Familles* (1833) (THÉRENTY, VAILLANT, 2001). A primeira crítica a romances publicada no *La Presse* é sobre uma obra de sua autoria, *Le Chemin de Traverse*, na qual Frédéric Soulié, na posição de crítico e amigo, faz um resumo da trajetória de Janin, focando na sua vida pessoal, uma vez que os dois eram íntimos desde a juventude (SOULIÉ, 1836).

Apesar de tratarem da tradução e dedicarem alguns parágrafos a elogios a Janin, os dois críticos periódicos abordam a obra de formas distintas em seus textos. A crítica do *Le Constitutionnel* foca em Janin e em suas escolhas ao transformar o romance, tornando-o mais aprazível aos leitores do século XIX. A mesma discussão sobre a função do tradutor é feita no texto do *La Presse*, porém de forma distinta e menos direta, pois ainda que avalie as construções do enredo e das personagens criadas por Richardson, o crítico discute a capacidade de grandes títulos do gênero romanesco como *Dom Quixote*, *Robinson Crusóe* e inclusive *Clarissa* de retratar sua época e as suas questões importantes. Já que a sociedade inglesa do século XVIII estaria muito distante em costumes e gosto dos franceses do século XIX, o trabalho de Jules Janin nesta tradução a ser avaliado seria justamente a capacidade de adaptação da obra a seu tempo.

A crítica de Eugène Pelletan no *La Presse* destaca a importância do romance ao longo do tempo para o público feminino, atraindo sucessivamente novas gerações a

partir de leituras incentivadas por suas mães, que também apreciavam a obra. O crítico adota uma postura ponderada, afirmando que *Clarissa* possui algo universal em sua constituição e que falará a leitores de todas as idades e países cristãos, apesar de ser fruto de sua sociedade e de sua época. O texto dedica diversos parágrafos para explicar a diferença entre os franceses e os ingleses, sendo que os primeiros produzem obras de arte condizentes com seus espíritos esfuziantes e acostumados a grandes movimentações e os ingleses, obras sérias, calmas e metódicas. O ritmo dos acontecimentos no romance é definido em uma passagem atribuída a Jules Janin como repetitivo e pouco fluente, ao que Pelletan considera muito radical, uma vez que a obra de Richardson é apenas fruto da sociedade inglesa daquele momento e os defeitos vistos pelos franceses, como a monotonia não eram vistas como defeito para os ingleses, do século XVIII e XIX.

Ao avaliarem as mudanças feitas por Janin, as críticas dos periódicos destacam como positivas as alterações nos personagens, em especial Lovelace, o antagonista e interesse romântico da protagonista. O *La Presse* critica a construção do personagem por Richardson, que precisa demonizá-lo para que a virtude de Clarissa seja ressaltada, o que Janin diminuiria ao acrescentar nuances. O *Le Constitutionnel*, porém, diz que os tipos marcados de Clarissa e Lovelace funcionavam bem e por isso ainda eram imitados um século depois por diversos autores, sendo, porém desenvolvidos de forma mais clara por Janin, que os deixou mais definidos e adequados para o seu próprio tempo. Ambas as críticas citam o ritmo lento do romance como um dos principais problemas, ao que a redução e o estilo mais vivaz de Janin consertariam, ao menos para o gosto oitocentista francês. O *La Presse*, para reforçar o benefício destas intervenções, destaca alguns problemas da construção do romance original. Clarigny, porém, dá menos destaque para este elemento em sua crítica, elogiando a redução de catorze para dois volumes, que permite a apreciação mais efetiva dos acontecimentos.

Ao indicar a inadequação da obra para o gosto do público daquele tempo, que ao contrário das outras gerações não era atraído pela história de Clarissa, demonstra uma percepção de mudança. Neste sentido, as modificações feitas por Janin corrigiriam o romance de Richardson ao atualizá-lo para os franceses do século XIX, sendo bem sucedido ao condensar os livros e concentrar os acontecimentos, tornando o ritmo da narrativa mais intenso. Saem os *longueurs* intermináveis e o modo de se fazer romance dos ingleses e entra a vivacidade galesa, indicando uma preferência pelo modo de se fazer romance dos franceses e também a influência dos folhetins a serem publicados nos

mesmos periódicos dessas críticas, que se destacavam pela grande quantidade de peripécias e pelo ritmo acelerado com que aconteciam a fim de manter os leitores interessados.

Ao contrário dos periódicos, na *Revue des Romans* não há qualquer menção às traduções, a não ser pelo cabeçalho da crítica, que apenas cita os tradutores e os anos das edições comentadas. Por seu texto mais reduzido, ela é mais direta em seu julgamento, sem grandes discussões sobre o enredo do romance ou o gênero. Sem comentários sobre a tradução, destaca-se a figura do autor, a sua contribuição para literatura inglesa e a reputação de autor clássico da nação alcançada com o lançamento de *Clarissa*. Sendo um dos tradutores Abbé Prévost, célebre autor de *Manon Lescaut*, a ausência de comentários parece ser uma escolha que busca unificar as edições e comentar de forma geral o conteúdo da obra, o que outras obras do mesmo autor com várias traduções criticadas na *Revue des Romans*, como *Paméla* e *Histoire de Charles Grandisson*, parecem indicar.

Essa fonte também se difere por ter apenas comentários positivos sobre a obra, com elogios à moralidade do romance, em especial à protagonista, que o crítico considera ser construída como um símbolo da virtude e próxima da perfeição. Os personagens principais são destacados por sua construção feita “com pinceladas vigorosas” e admiravelmente bem delineados, ao contrário da crítica do *Le Constitutionnel*, que exalta Jules Janin pela maior definição dos tipos e humanização dos personagens em sua tradução, numa possível atualização para o gosto dos leitores atuais. Sobre o enredo, Saint-Fargeau o define como “simples”, elogiando a condução da personagem-título nos seus momentos finais.

A coletânea, que como indica o seu subtítulo é uma recolha de análises das produções marcantes dos mais célebres romancistas franceses e estrangeiros, buscando guiar com prudência os seus leitores entre as muitas obras oferecidas em catálogos a partir de uma análise direta das obras, demonstrando ideias e qualidades gerais das 1100 obras a serem abordadas em dois volumes. O prefácio da primeira edição, de 1839, indica como público-alvo da coletânea as mães de família, os jovens maridos e suas mulheres, que teriam na obra orientação para escolher romances, pois mesmo que o gênero não seja mais considerado inerentemente mau, alguns de seus exemplares, de acordo com a intenção do autor, podem ser nocivos, em especial às moças, que apenas

recentemente foram autorizadas a lê-los sem esconder. Como o gênero romanesco não segue as regras da poética, a figura do autor assume o protagonismo, pois a obra, segundo Saint-Fargeau, é a expressão do seu pensamento, sendo, portanto o papel do crítico analisar as suas escolhas ao construir a obra, optando ou não por escrever um romance bom para seus leitores. A preocupação com a utilidade para os leitores, no caso a moralização, é o ponto principal da crítica da *Revue des Romans* e que por cumprir isto Richardson poderia considerar sua missão como romancista cumprida.

A moralidade na obra, em especial a de sua protagonista, é uma característica destacada nos três textos, sendo apreciada pelos leitores franceses do século XIX do mesmo modo que os ingleses do século XVIII. Porém, apenas as críticas do *La Presse* e a da *Revue des Romans* preocupam-se com o efeito da obra em seus leitores. Pelletan destaca no *La Presse* a fuga de Clarissa e a sua conseqüente desonra, que seriam vistos como um exemplo de imoralidade para moças que lerem o romance, já que todas as moças ao serem repreendidas por suas mães acreditariam que estão autorizadas a saltar pelos muros do jardim para encontrar seus amantes. No caso da *Revue des Romans*, que analisa traduções anteriores, além de elogios à dignidade moral da protagonista, destaca o enredo, que faz a virtude ser superior a todo erro, e a intenção do autor de moralizar com sua obra, que tem como efeito nos seus leitores incentivar a virtuosidade pelo desfecho trágico de Clarissa, que se arrepende de seus erros. Os outros efeitos de leitura citados na crítica são o de emocionar a ponto de causar lágrimas em seus leitores e também diverti-los. Mais econômico em suas considerações sobre a moral, o *Le Constitutionnel* destaca apenas a virtude superior da personagem-título, que se beneficia na nova versão de uma humanização de seu caráter, tornando-a menos cerimoniosa e menos difusa em suas dissertações, que parecem desagradar os leitores atuais.

Mesmo que tratem da moral, as outras duas críticas escolhem abordá-la de forma menos enfática, analisando com mais detalhes outros critérios da sua constituição, inclusive citando alguns elementos da obra original como negativos e procurando com a comparação valorizar o trabalho de Janin. A crítica do *Le Constitutionnel* é ainda mais focada no seu trabalho e na crítica da obra em si, defendendo-a de forma mais radical, acusando mais claramente a obra de Richardson de ser ultrapassada para o gosto francês. Já a do *La Presse* fez uma análise mais aberta sobre o gênero romanesco, trazendo diversas obras para a discussão. Do outro lado, a crítica da *Revue des Romans*, como uma recolha de críticas que se propõe a ser um guia para os leitores, tratando de

textos atuais e obras de mais de um século, como *Clarissa*, não havendo preocupação com a atualidade e os lançamentos mais recentes, tratando com maior reverência a obra de Richardson.

Mesmo com perfis distintos e tratando de edições diferentes é perceptível o alinhamento nos critérios críticos utilizados nas três avaliações com os das críticas do século XIX, comprovando o que já havia sido dito sobre a concordância dos críticos na forma de se avaliar os romances. Além dos elementos que constituem o gênero, como autoria, enredo, personagens, a moral também se sobressai nas discussões críticas analisadas, já que a capacidade de moralização e instrução estavam entre os elementos mais valorizados pelos letrados na primeira metade do século XIX (ABREU, 2014a).

Considerando que as críticas periódicas acompanham, por interesses publicitários, os lançamentos do mercado livreiro e que esses mesmos jornais baseiam-se na publicação de notícias sobre a atualidade e que levantem nomes relevantes naquele momento, é compreensível o destaque para Jules Janin, escritor e homem de opinião na imprensa francesa. Aparecem nessas críticas de 1846, dez anos após a publicação do primeiro folhetim no *La Presse*, mudanças claras na forma de se avaliar os romances e na percepção do gosto dos leitores, pois favoreceriam obras que tivessem um ritmo intenso, assim como a nova tradução de Janin e ao contrário do original de Richardson.

## **Referências**

ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. São Paulo: **Revista Todas as Letras X**, v. 16, n. 2, p. 39-52, Nov. 2014.

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: ABREU, Márcia & DEAECTO, Marisa Midori (Orgs.). **A Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões**. Campinas: UNICAMP, 2014.

AUGUSTI, Valéria. **Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista**. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2006.



SAINT-FARGEAU, Eusèbe Girault de. Lettres Anglaises ou Histoire de Clarisse Harlowe. In: **Revue des romans. Recueil d'analyse raisonnées des productions remarquables des plus célèbres romanciers français et étrangers**. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, v.2, p.216, 1839.

CUCHEVAL-CLARIGNY, Athanase. Clarisse Harlowe, par Jules Janin. Paris: **Le Constitutionnel**, 11 jun. 1846, p.3.

PELLETAN, Eugène. Clarisse Harlowe, par Jules Janin. Paris: **La Presse**, 15 jun. 1846, p. 3-4.

SOULIÉ, Frédéric. Jules Janin. Paris: **La Presse**, 5 jul. 1836, p.1-3.

THÉRENTY, Marie-Ève. O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX. Trad. Pedro Paulo Catharina. Guarapuava: **Revista Interfaces**, v. 1, n. 22, Jan-Junho 2015.

THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. **1836: L'An I de l'ère médiathique**. Paris: Nouveau monde éditions, 2001.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (vertentes inglesas)**. Site Memória de Leitura Unicamp, 2002. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios>>.